

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**AS SOMBRAS NO ‘ERA UMA VEZ’: SÍMBOLOS, ENSINAMENTOS E  
REFLEXÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS**

**ISABELLA DE SOUZA LÚCIO BARBOZA**

**RIO DE JANEIRO**

**ISABELLA DE SOUZA LÚCIO BARBOZA**

**AS SOMBRAS NO ‘ERA UMA VEZ’: SÍMBOLOS, ENSINAMENTOS E  
REFLEXÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/ (curso).

Orientador: Prof. Dr. Renan Ji

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

ISABELLA DE SOUZA LÚCIO BARBOZA

DRE: 117258649

### AS SOMBRAS NO 'ERA UMA VEZ': SÍMBOLOS, ENSINAMENTOS E REFLEXÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras na habilitação Português/ (curso).

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Renan Ji (UFRJ) – Presidente da Banca Examinadora

NOTA: \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo da Rocha Lima Diego (UFRJ) – Leitor crítico

NOTA: \_\_\_\_

MÉDIA: \_\_\_\_\_

“Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se desperta consciência”.

*Jean de La Fontaine*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus pela oportunidade de ter chegado tão longe e não ter pedido a fé não só na minha capacidade como ser humano, mas também em acreditar que dias bons sempre vêm.

A minha avó, Maria, por ter sido um exemplo de mulher, tendo toda a paciência que uma mulher pode ter com uma criança, além de ter exercido não só o papel de avó, como dito, mas também de mãe - tendo uma importância dobrada para a criança curiosa e tagarela que estaria criando.

Ao meu noivo, Corey Smith, por acreditar em mim e nunca ter saído do meu lado até nos momentos de estresse. Este processo de fechamento de ciclo é muito importante e necessário na vida de todos os estudantes, o que me faz valorizar e apreciar todo o seu amor e cautela com tudo o que se passava comigo - mesmo de longe.

Às amigas da faculdade, Clara Trivelli e Larissa Ferreira, que dividiram todas as aflições, correria e inúmeros trabalhos. Além disso, também dividiram bons momentos na hora do almoço, além da alegria latente que era sair cedo nos dias mais cansativos. Rimos, brincamos, brigamos por trabalho, mas, no fim, permanecemos juntas com essa amizade que vai além da universidade.

Às amigas de infância, que estão comigo há mais de 15 anos, Stefany, Beatriz, Debora e Jéssica. Sou grata por todas as experiências que vivemos, além da troca de conhecimento que tivemos com o passar dos anos. Sei que o que sou também é resultado da amizade produtiva e verdadeira que temos.

Ao professor Renan Ji, por toda a paciência e cautela. A etapa da monografia não é fácil, mas um professor que se importa e entende o aluno é um diferencial - algo que nunca é esquecido. Saiba que foi (e sempre será) um dos melhores professores que tive na UFRJ, e que sempre serei grata por todo o conteúdo rico não só passado na aula de Literatura Brasileira, mas também pela sua forma em lidar com toda essa situação com muita empatia.

Aos meus tios, Edilson e Viviane, por todas as conversas (com teor filosófico) e importância com os meus anseios. Sou grata demais por toda a troca que temos e pelo incentivo que sempre me dão.

Por fim, não menos importante, à Isabella de 14 anos. Sei que há etapas na nossa vida que não são fáceis, ainda mais quando há pessoas que subestimam a nossa capacidade. Desse modo, sou grata à menina de 14 anos que não desistiu de sonhar, lutar e perseverar por seus estudos e sonhos, pois, se não fosse ela, eu não estaria aqui.

## **DEDICATÓRIA**

A todos aqueles que são apaixonados pelo universo dos contos de fadas. Às crianças, aos jovens, adultos e idosos. Que este trabalho seja uma porta de entrada para o universo dos contos de fadas como forma de conhecimento sobre o mundo e sobre a vida.

## RESUMO

Com o passar dos anos, as histórias infantis são transmitidas como narrativas belas e edificantes, visando entreter e educar o público infantil, além de, por meio de tais contos, despertar o desejo pela leitura nas crianças, que muitas vezes veem a literatura infantojuvenil como uma porta para a imaginação livre. Seguindo tal reflexão, esta monografia tem como objetivo analisar a natureza dos contos infantis, que foram passados de geração em geração, através da oralidade, investigando a sua origem histórica e diferentes interpretações. As obras de Charles Perrault e H. C. Andersen serão analisadas objetivando um mergulho profundo no mundo dos contos e nas mensagens por trás das narrativas variadas. A partir dessas considerações mais gerais sobre os contos de fada, a história de João e Maria será tomada como caso emblemático de análise, a partir das obras literárias dos Irmãos Grimm, Joseph Jacobs e Neil Gaiman, além da adaptação cinematográfica voltada para o público infantil contemporâneo, *Conto das bruxas* (2020), dirigido por Osgood Perkins. Por fim, será levado em consideração que tais contos fazem parte de um meio literário interessante, necessário e motivador do conhecimento, contribuindo para o processo de amadurecimento, imaginação e reflexão interna da criança.

**Palavra chave:** Contos de Fadas. Contos Infantis. Contos da Disney. Rito de Passagem. O herói. O obscuro nos contos infantis. João e Maria.

## ABSTRACT

Over the years, children's stories are transmitted as beautiful and edifying narratives, aiming to entertain and educate children, in addition to, through such stories, awakening the desire for reading in children, who often see children's literature as a door to free imagination. Following such reflection, this monograph aims to analyze the nature of children's tales, which were passed from generation to generation, through orality, investigating their historical origin and different interpretations. The works of Charles Perrault and H. C. Andersen will be analyzed aiming a deep dive into the world of short stories and the messages behind the varied narratives. Based on these more general considerations about fairy tales, the story of Hansel and Gretel will be taken as an emblematic case of analysis, based on the literary works of the Brothers Grimm, Joseph Jacobs and Neil Gaiman, in addition to the film adaptation aimed at children. contemporary, *The Witches' Tale* (2020), directed by Osgood Perkins. Finally, it will be taken into account that such tales are part of an interesting, necessary and motivating literary medium for knowledge, contributing to the process of maturation, imagination and internal reflection of the child.

**Keyword:** Fairy tale. Children's stories. Disney Tales. Rite of passage. The hero. The dark in children's tales. Hansel and Gretel.



## **LISTAS DE FIGURAS**

<b>FIGURA 1 - FLUXOGRAMA DO HERÓI</b>	<b>15</b>
<b>FIGURA 2 - CENA DE MALÉVOLA</b>	<b>30</b>
<b>FIGURA 3 - CAPA DO FILME JOÃO E MARIA</b>	<b>32</b>
<b>FIGURA 4 - MARIA E JOÃO FAZENDO SOM DE PORCOS</b>	<b>33</b>
<b>FIGURA 5 - BRUXAS AO REDOR DOS IRMÃOS</b>	<b>34</b>
<b>FIGURA 6 - MARIA COM PICHE NAS MÃOS</b>	<b>36</b>
<b>FIGURA 7 - A CABANA DA BRUXA</b>	<b>37</b>
<b>FIGURA 8 - JOÃO AFIANDO O MACHADO</b>	<b>38</b>

## **SUMÁRIO**

	<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1</b>	<b>ORIGENS HISTÓRICAS E CONTEXTO SOCIOLÓGICO</b>	13
<b>2</b>	<b>A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS</b>	18
<b>3</b>	<b>SIMBOLISMOS PROFUNDOS DOS CONTOS DE FADA: O CASO JOÃO E MARIA</b>	23
3.1	O CANIBALISMO	26
3.2	A REPRESENTAÇÃO DA MADRASTA MÁ NO CONTO DE FADA	27
<b>4</b>	<b>ADAPTAÇÕES INSPIRADAS NA OBRA JOÃO E MARIA</b>	31
4.1	MARIA E JOÃO: O CONTO DAS BRUXAS	31
4.2	JOÃO E MARIA POR JOSEPH JACOBS	36
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	39
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	40

## INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo estudo dos contos de fadas, os benefícios e a sua importância surgiu durante uma leitura oral feita por uma professora, durante o ensino fundamental. Tal momento despertou na criança que eu era - e que, no fundo, ainda sou - o amor e a curiosidade pela leitura, além do universo que se abriria a cada página que estaria sendo lida.

A literatura infantil é um tema importante, mas que muitas vezes é deixado de lado por muitas escolas. Com o objetivo apenas de preparar alunos para provas específicas e para o ingresso de universidades, muitas vezes os professores utilizam textos mais técnicos e objetivos, deixando de lado obras de imaginação - entre as quais se incluem os contos de fadas.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo não só mostrar a importância dos contos de fadas durante a infância, mas também trazer a reflexão de como muitas vezes a escola e os pais deixam tais leituras de lado pelo simples fato de não acharem necessárias para o desenvolvimento da criança. No entanto, ao fazerem isso, acabam excluindo histórias cativantes que não só fazem a criança se entreter, mas também a inserem no mundo da imaginação, com a possibilidade de aprender valiosas lições de vida.

[...] os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança. Como a criança está exposta a cada momento à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar suas condições, desde que seus recursos íntimos lhe possibilitem fazê-los. (BETTELHEIM, 2007. p 11-12)

A partir dessas questões apresentadas, este trabalho surgiu com o objetivo de mapear e analisar a presença e o impacto dessas histórias que constituem o universo literário infantil. Para isso, teremos como base autores de referência no assunto dos contos de fadas, como Bettelheim (2010), Von Franz (1984), Karin Hueck (2010), Propp (2002),

Ariès (2006), entre outros, mas também aqueles que foram responsáveis por lapidar e organizar tais contos, como os Irmãos Grimm (1812) e Joseph Jacobs (2021).

Visando a organização e uma boa interpretação, este trabalho científico foi dividido em cinco capítulos.

No Capítulo I desta monografia, serão abordadas as Origens Históricas e o Contexto Sociológico dos contos, com o objetivo de analisar o surgimento dos mesmos, além da sua perpetuação através das gerações.

No capítulo II, os contos de fadas serão discutidos na perspectiva da psicanálise. Para isso, teremos como base o psicanalista Bruno Bettelheim, com a obra *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, além de outros autores importantes para tal análise, como Marie-Von Franz, com a obra *A Individuação dos Contos de Fadas*. Este capítulo, assim sendo, terá como propósito analisar a influência dos contos na vida das crianças durante o seu amadurecimento e desenvolvimento. Por outro lado, será tratado também como a ausência de tais contos podem ser prejudiciais à vida da criança e o seu desenvolvimento interno, além de levar em conta o importante papel dos pais como transmissores de tais histórias.

No capítulo III, como estudo de caso, serão discutidos e analisados os simbolismos por trás do conto *João e Maria*. Desta maneira, teremos como foco uma análise da narrativa levando em consideração aspectos subentendidos e importantes na vida da criança que a lê e interpreta em seu universo infantil.

Por fim, no capítulo IV, teremos como foco as adaptações inspiradas no conto *João e Maria*, com análise e comparação de obras interpretadas não só no cinema, mas também no campo literário. A exemplo, tem-se o filme *Maria e João*, dirigido por Osgood Perkins, além da obra literária *João e Maria*, que apresenta uma nova e muito interessante versão da história dos dois irmãos por Joseph Jacobs.

## 1 ORIGENS HISTÓRICAS E CONTEXTO SOCIOLÓGICO

O vocábulo “fada” tem sua origem no termo latim “*fatum*”, que no dicionário Michaelis defini-se como “ser imaginário, do sexo feminino, a que se atribui a faculdade sobrenatural de prever o futuro, determinar venturas ou desgraças e produzir encantamentos”. Tal termo, assim, remete à reflexão sobre a possível realização de um sonho ou de uma jornada heróica de encontro consigo mesmo .

É válido destacar, também, que quando se trata da sua história e origem, os contos de fadas remontam à cultura celta, com histórias de heróis e heroínas que destacam o mágico e o maravilhoso - visando à realização interna do ser humano. Em tais contos, diferenciando-se de algumas religiões, há narradoras (deusas ou não) que apenas narram histórias de homens. Tais mulheres dentro dos contos, sempre possuíam poder sobre a natureza, além de fazer magias e encantamentos. No entanto, houve uma grande ressignificação de tais contos, de acordo com as mudanças nos contextos sociais.

Muitos estudiosos afirmam que os primeiros registros escritos dos contos de fadas surgiram na França, com a publicação de poemas voltados aos adultos, no século XVI e XVII, com a utilização de enredos simples e universais. Porém, não há dados que tornem tal informação verídica, apenas suposições com o decorrer da história. Outrossim, é importante destacar que o nome “Contos de Fadas”, por sua vez, não teve seu início junto com tais histórias, mas sim vindo a ser mencionado pela primeira vez por Marie-Catherine d’Aulnoy, ao final do século XVII, que viria a escrever coletâneas populares assim nomeadas, conforme menciona Cunha e Menna (2021) no livro *Narrativas e enigmas da arte: fios da memória, frestas e arredores da ficção*:

[...] a crítica literária especializada atribui a Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, baronesa (ou condessa) d’Aulnoy, a cunhagem do termo “conto de fadas” (*contes de fées*). Zipes (2012) atenta para o fato de que nenhum escritor teria utilizado o termo antes de 1697, ano de publicação da primeira coleção de contos de Mme. d’Aulnoy, *Os contos de fadas (Les contes des fées)*. O autor indica que o termo “*fairy tale*” só teria se popularizado em língua inglesa na segunda metade do século XVIII, anos após a primeira tradução dos contos de d’Aulnoy, intitulada *Tales of the Fairies*, publicada em 1707. (Cunha e Menna, 2021. p.543)

Com tais publicações impressas dessas histórias folclóricas e lendas locais, desponta um nome importante diante dessas produções: Charles Perrault, que viria a publicar o livro *Contos da Mãe Gansa* (1697), tendo como contos principais *A Bela Adormecida*, *Capinha Vermelha* (que viria a ser chamada de *Chapeuzinho Vermelho* pelos irmãos Grimm), *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *A Gata Borralheira*, *O Pequeno Polegar*, *As Fadas* e *Henrique do Topete*. Além de Perrault, destaca-se também Hans C. Andersen, que seria o autor por trás das histórias narradas nas animações *Frozen* (1984) e *A Pequena Sereia* (1837).

De uma maneira geral, tais contos apresentam personagens folclóricos, magia, adversários sobrenaturais, a luta entre bem e mal, objetos mágicos, com a lição de transformação do herói ou heroína - que viria trazer a reflexão sobre os obstáculos a serem superados pelo indivíduo para que inaugure uma nova fase da vida, com forte carga afetiva e ligação direta com a infância. Além de tais elementos, tais contos possuem palavras-chaves, assim como explicita Vladimir Propp em *As raízes do conto maravilhoso*:

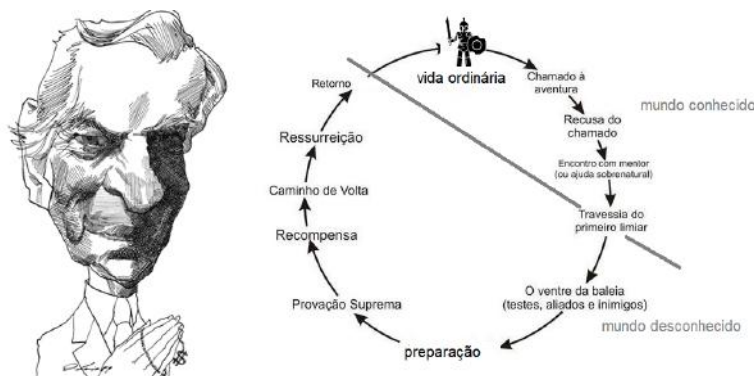
As primeiras palavras do conto: “Em um certo reino, em um certo Estado...” já introduzem o ouvinte em uma atmosfera especial, que se caracteriza pela tranquilidade épica. Mas trata-se de uma impressão ilusória. Ante ele não tardaram a se desenrolar acontecimentos extremamente tensos e vibrantes. (PROPP, 2002. p.29)

Dentre esses acontecimentos “tensos e vibrantes”, temos, por exemplo, o afastamento súbito de alguém próximo ao herói que possui grande influência em sua vida. Em *Cinderela*, vê-se a ausência de seu pai, o que gera os maus-tratos da madrasta e suas irmãs, mas, em *João e Maria* (Grimm, 1812), a questão já se modifica, uma vez que gira em torno de duas crianças que foram afastadas pelos seus pais pela ausência de alimentos para todos. No fim, em todos os contos - de maneira geral -, o seu começo é tranquilo, porém algo sempre vem a acontecer inesperadamente, o que gera o começo da jornada do herói ou heroína.

Ao longo dessa jornada, o herói cumpre um ritual de passagem de um estado de consciência para outro, assim como explicado por Joseph Campbell, na obra *Herói de mil faces* (1989). O herói ou heroína estaria passando por acontecimentos fantásticos e

necessários que provocam uma mudança de visão de mundo ou de essência diante do que era no começo de sua caminhada. No entanto, não se deve esquecer que, na maioria das histórias, os heróis ou heroínas não estão sozinhos. Os animais, por exemplo, possuem grande valor na história, uma vez que são responsáveis por guiar os protagonistas na sua jornada de autoconhecimento e aprendizado, conforme se vê no fluxograma a seguir:

**Figura 1** - Fluxograma jornada do herói



**Fonte:** <https://ensaiosnotas.com/2018/09/19/campbell-o-heroi-das-mil-faces/>

Complementando a perspectiva de Campbell, Vladimir Propp, em *As raízes históricas do conto maravilhoso*, expõe alguns elementos que ilustram como essa jornada do herói pode se desenrolar no conto de fadas, fornecendo inclusive ideias para a análise que será desenvolvida mais à frente, sobre a história de *João e Maria*. Para o autor, o rito iniciático viria sempre a acontecer na parte densa e obscura de uma floresta, sempre acompanhado pelo medo e por cenas macabras. No entanto, quando destacamos a famosa história de João e Maria, por exemplo, não há o macabro na narrativa quando há a chegada na floresta - e sim a iniciação de um impasse que os irmãos devem resolver diante de um problema em comum: a fome.

Propp (2002) destaca, além disso, que, do início do conto até a partida, sempre há uma fatalidade na narrativa, exemplificada pelo “caso da enteada expulsa de casa” - como

veremos mais à frente na história dos irmãos João e Maria, que foram largados em uma floresta em decorrência da fome que assolava a Europa. De todo modo, vê-se que

A relação da floresta do conto com a floresta que figura nos ritos de iniciação não poderia ser mais estreita. O rito de iniciação sempre ocorre em uma floresta - o que viria a ser uma característica constante nos contos. (PROPP, 2002, p. 55)

Neste viés, assim como visto não só em *João e Maria*, mas também em *Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho*, a floresta torna-se o rito iniciático diante de um obstáculo que deve ser superado. Nesse sentido, Propp expõe que

“A ligação entre o rito de iniciação e a floresta é tão sólida e constante que é verdadeira também em sentido inverso. Toda vez que o herói se encontra na floresta, surge o problema da relação entre o assunto apresentado e o ciclo iniciático”. (PROPP, 2002, p. 55)

Além de tais reflexões em torno de tal ponto iniciático, o autor conclui que “a floresta do conto reflete a lembrança da floresta como local do rito e como entrada para o reino dos mortos” (PROPP, 2002, p. 57). No caso de *João e Maria* (1812), de fato, a floresta seria o seu fim, pois seus pais os haviam largado para a morte neste espaço. No entanto, cabe lembrar que é também na floresta que se tem o rito iniciático de sobrevivência frente à fome, com a procura de um lugar para ficar e comer, o que leva ao encontro com a bruxa.

A história de *João e Maria* é emblemática de uma série de imbricações e deslocamentos que o simbolismo da floresta pode sofrer nas narrativas. Porém, é importante expor que durante o trajeto dos irmãos na floresta há ainda detalhes importantes para o crescimento do herói, a partir de mensagens alertando para as falhas humanas, conforme exposto por Sheldon Cashdan, em *Os 7 pecados capitais nos contos de fadas*:

Cada um dos principais contos de fadas é único, no sentido em que trata de uma predisposição falha ou doentia do eu. Logo que passamos do “era uma vez”, descobrimos que os contos de fadas falam da vaidade, gula, inveja, luxúria, hipocrisia, avareza, e preguiça -, os sete pecados capitais da infância. Embora um determinado conto de fadas possa tratar de mais de um pecado, em geral um deles ocupa o centro da trama. (CASHDAN, 2000, p.28)



Para Cashdan, em *Branca de Neve*, o pecado capital da inveja possui grande destaque em toda a narrativa, uma vez que seria a motivação para que a madrasta a quisesse morta por conta de sua beleza. Em *Cinderela*, não só se vê a inveja que vem das irmãs, mas também a atitude soberba da madrasta que, ao lado das filhas, se entende superior a Cinderela. Ou seja, para o autor, tais histórias infantis tratam simbolicamente de temas ético-morais, cujos dilemas e exemplos se encontram entrelaçados nos fatos da narrativa.

Com a reflexão de Cashdan sobre os sete pecados capitais, vemos como é possível pensar sobre os valores humanos. Em *João e Maria*, temos o pecado da gula, uma vez que as crianças, diante de uma casa farta, não pensam que aquele espaço poderia servir como refúgio ou lar de alguém. Esta ideia, além de ser vista por Cashdan (2000), também é colocada em questão por Bettelheim (2007), que mostra como as crianças são enganadas pela própria gula e a voracidade em devorar o que está a sua frente sem ao menos pensar na situação em que se encontram.

A casa de broa de gengibre representa uma existência baseada nas mais primitivas satisfações. Arrebatadas por sua ânsia incontrolável, as crianças não se importam se destroem aquilo que lhes daria abrigo e segurança, apesar de que o fato de os pássaros terem comido as migalhas deveria tê-las advertido a respeito de devorar as coisas. Ao devorarem o telhado e a janela da casa de broa de gengibre, as crianças mostram o quão dispostas estão, para alimentar-se, a deixar alguém sem sua casa e seu lar [...] (BETTELHEIM, 2007. p. 225)

Diante dos casos analisados, percebemos então como os contos de fadas estão repletos de símbolos ligados a ritos iniciáticos e a jornadas heróicas, além de valores no âmbito ético-moral, conectando-se a aspectos fundamentais da existência humana. Tais questões surgem através de simbolismos subjacentes à estrutura da narrativa, que de forma implícita promovem reflexões acerca da conduta e da natureza humanas. Por essa razão, faremos um aprofundamento específico na psicanálise dos contos de fadas, no capítulo a seguir, com o objetivo de aprofundar a análise de tais contos maravilhosos.

## 2 A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança. Como a criança está exposta a cada momento à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar suas condições, desde que seus recursos íntimos lhe possibilitem fazê-lo (BETTELHEIM, 2007. p.11-12)

Com base na ideia de Bettelheim (2007), entende-se que nos contos de fadas não há apenas narrativas fantásticas que instigam a imaginação da criança, mas também um meio de reflexão interna com o qual, através da leitura e da imaginação, o leitor possa trazer soluções a problemas íntimos.

Nas fábulas, nota-se um juízo de valor ou lição que se transmite didaticamente a partir uma moral da história, que muitas vezes pode até ser enunciada ao fim da narrativa. Diferente disso, os contos de fadas possibilitam um trabalho progressivo e mais complexo do tema abordado, trabalhando até com conteúdos moralizantes, mas indo além ao tratar questões humanas profundas e entraves internos.

No conto, a história gira em torno de um herói ou heroína que procura algo dentro de si. Há um problema que deve ser resolvido, mas, antes de tudo, tal herói deve aprimorar a si mesmo em etapas que envolvem ensinamento, amadurecimento e aprendizado. A criança se identifica com a figura ou a personalidade do herói/heroína, assim como menciona Bettelheim (2007):

Os contos de fadas, diretamente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. (BETTELHEIM, 2007. p.34)

A individuação, que está conectada ao processo de amadurecimento do herói, consiste na ideia do encontro do “eu” por meio do processo de aprendizado, ao enfrentar adversidades inevitáveis em que não há controle. Nesse processo, gera-se o desenvolvimento no indivíduo de uma personalidade distinta das outras.

De acordo com as reflexões de Von Vanz (1984) sobre a individuação, a trajetória do herói implica não só a consideração do agora que estaria sendo vivido, mas também acerca do que se passou e também do que virá, de acordo com os acontecimentos narrados - configurando um processo essencialmente humano. O herói ou heroína, durante o seu processo de amadurecimento, viria a ter uma luz interna que lhe mostraria o caminho a seguir, assim como as atitudes necessárias a serem tomadas frente ao problema a ser vencido.

O ser humano sempre está à procura do seu eu e do seu propósito. Ele, dessa forma, procura uma finalidade para sua existência e para os acontecimentos externos - e é aí que os contos de fadas, para a psicanálise, entram como uma forma de entendimento e elaboração desse fato primordial. Os contos possuem uma chave de reflexão acerca dos eventos narrados. Cada personagem possui uma história única que, ao ser absorvida pelo leitor, não só traz uma visão ampla da vida que está sendo vivida, mas também em como solucionar entraves para os quais antes não havia uma resposta.

Como se sabe, o processo de individuação, segundo o que se pode ler a cada página dos livros de Jung, consiste em se tornar alguém feliz consigo mesmo e não em alguém se tornar feliz como num jardim de infância. Não obstante, o tal veneno está sempre a insinuar-se, vezes sem conta. Ele é a bruxa que destrói a pureza de intenções no relacionamento com o próprio inconsciente, que está sempre a sugerir algum propósito errôneo (VON VANZ, 1984. p 87).

Ao levar em consideração a citação de Von Franz (1984), entende-se que a felicidade do indivíduo deve surgir pelo que ele é, e diante de tudo o que viveu e aprendeu. A autora, ao citar a felicidade “como num jardim de infância”, explicita que o indivíduo não será uma criança sem problemas e preocupações. Desta maneira, o indivíduo volta-se para si e para suas questões não resolvidas, que devem enfrentadas no encontro com “si-próprio”, assim como é evidenciado na trajetória do herói.

Tal ideia é defendida por Bruno Bettelheim (2007), que mostra que, como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança sempre irá extrair significados diferentes do mesmo conto de fadas dependendo dos seus interesses e necessidades do momento.

“Enquanto diverte a criança, o conto de fadas esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança.” (BETTELHEIM, 2007. p.20)

Além disso, a jornada do herói, por sua vez, estaria atrelada ao momento em que a criança estaria isolada numa situação adversa. Bettelheim (2007) defende essa ideia ao dizer:

O herói do conto de fadas avança isolado por algum tempo, assim como a criança moderna com frequência se sente isolada. Ajuda-o o fato de estar em contato com coisas primitivas - uma árvore, um animal, a natureza -, da mesma forma como a criança se sente mais em contato com essas coisas do que a maioria dos adultos. (BETTELHEIM, 2007. p. 19)

Podemos exemplificar as considerações anteriores com simples comparações: se a criança possui uma madrasta que tem uma filha biológica, ela pode se espelhar em Cinderela; se essa mesma criança se encontra em situação de falta de recursos, pode se inspirar nos desafios de João e Maria; ou ainda, conforme Karin (2016) defende no livro *O lado sombrio dos contos de fada*, quando afirma que a história de João e Maria fala do contraponto entre fome e fartura:

E barriga vazia também é o assunto de João e Maria, claro. Afinal, os irmãozinhos encontram a utopia de toda criança faminta dos séculos passados (e também dos atuais): uma “casinha toda feita de pão, coberta com bolo e cujas janelas eram de açúcar bem branco”. Uma delícia. (HUECK KARIN, 2016. p. 168)

Tais percepções acerca de *João e Maria* parecem comuns e plausíveis no pensamento infantil, uma vez que a desigualdade social nas sociedades capitalistas é nítida, além de, cotidianamente, observarmos como muitas crianças comparam sua alimentação com a de outras crianças - fazendo com que a utopia da casa farta seja associada ao outro - assim como se vê na histórias dos irmãos cobiçando a morada de doces da Bruxa.

Além disso, vê-se também que o conto de fadas possui um teor terapêutico em relação aos problemas internos da criança, uma vez que traz soluções possíveis aos dilemas internos que habitam cada indivíduo. De acordo com cada história, são passadas imagens exemplares de um herói que procura a si mesmo. Neste caso, há a

interpretação pessoal do leitor acerca do que apreendeu do conto, o que o faz pensar diante do que está ocorrendo consigo mesmo, além de criar, junto com o herói, meios de solucionar os desafios que se apresentam na jornada.

O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra suas próprias soluções, por meio da contemplação daquilo que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos íntimos nesse momento de sua vida. O conteúdo do conto escolhido normalmente não tem nada a ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e portanto insolúveis. (BETTELHEIM, 2007. p. 36)

Para Bettelheim, muitos pais acreditam que tais contos não agregam valores na vida de seus filhos e escolhem, dessa forma, não introduzi-los na rotina das crianças. Dessa forma, acabam apenas “expondo o lado agradável das coisas” (BETTELHEIM, 2007, p.14). No entanto, ao fazerem isso acabam iludindo os filhos de que a vida é bela, sem dor, mascarando as dificuldades inerentes da existência:

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2007. p. 15)

Muitos adultos e pais esquecem que a visão da criança é diferente. Não há uma racionalidade exata diante do que é sentido, muito menos visto. Muitas vezes, a criança, por ainda estar em processo de aprendizado e crescimento, interpreta questões simples de maneira fantasiosa. Nesse processo, ela acaba encontrando inspiração em personagens ficcionais ou trazendo objetos inanimados à vida - assim como também é visto no conto de *A Bela e a Fera* -, como uma maneira de interpretar o mundo a à sua maneira.

Para Piaget (2010), por exemplo, observam-se, em tais contos, os pensamentos animistas que a criança desenvolve até a puberdade. Estes pensamentos remeteriam à ideia de dar vida a objetos inanimados com o objetivo de esclarecer seus próprios afetos e indagações. Nelly Coelho, em sua obra *A Literatura Infantil*, explica esta etapa, descrita por Piaget como uma fase em que “a criança tende a considerar todas as coisas como dotadas de vida, de vontade e de intencionalidade” (1982. p. 12).

A partir desta ideia, Bruno Bettelheim (2010) esclarece que para a criança o sol está vivo porque ele dá a luz; que a lua é boa, pois clareia a escuridão; que uma pessoa pode ser uma pedra ao ficar imóvel ou em silêncio. Além disso, a criança pode até mesmo encontrar identificação e compreensão nos animais:

No pensamento animista, não só os animais sentem e pensam como nós, mas até mesmo as pedras estão vivas; de modo que ser transformado numa pedra quer dizer simplesmente ter que permanecer silencioso e imóvel por algum tempo. Pelo menos raciocínio, é absolutamente crível quando objetos até então silenciosos começam a falar, dão conselhos e se juntam ao herói em suas andanças. E, já que tudo está habitado por um espírito semelhante a todos os outros espíritos (a saber, o da criança que projetou o seu espírito em todas essas coisas), devido essa identidade inerente é natural que o homem possa se transformar num animal ou o contrário, como em “A Bela e a Fera ou “O Rei Sapo”. (BETTELHEIM, 2007. p.69)

Por conseguinte, sobre o animismo - e sobre a própria pertinência da abordagem psicanalítica na análise dos contos de fada -, cabe ainda acrescentar que:

Quando as crianças, tal como os grandes filósofos, buscam soluções para as questões primeiras e últimas: “Quem sou eu? Como devo lidar com os problemas da vida? Que devo me tornar?”, fazem-no com base num pensamento animista. Mas, uma vez que a criança é bastante insegura quanto àquilo em que consiste sua existência, antes de tudo vem a questão: “Quem sou eu?” (BETTELHEIM, 2007. p.69)

Em vista das ideias expostas no capítulo, vê-se como a psicanálise pode elucidar vários aspectos desses contos, além das influências que a leitura dos mesmos exerce na vida da criança. O desenvolvimento infantil, para muitos pais, é um processo singular que deve ser isolado de histórias que possam influenciar negativamente o amadurecimento de seus filhos. No entanto, tais contos maravilhosos, conforme nos ensina a psicanálise, mostram uma nova maneira de as crianças entenderem o mundo em que vivem. Desta forma, os contos são importantes não só para a elaboração dos processos internos infantis, mas também para uma maior compreensão do relacionamento entre pais e filhos, por exemplo.

No próximo capítulo, analisaremos o caso emblemático de João e Maria. Ter-se-á como objetivo, através das análises feitas pela psicanálise, discutir sobre os simbolismos profundos de uma história que representa a visão da criança perante o abandono, a influência da madrasta, o medo, a fome e a pobreza.

### **3 SIMBOLISMOS PROFUNDOS DOS CONTOS DE FADA: O CASO JOÃO E MARIA**

A criança que está familiarizada com os contos de fadas percebe que estes lhe falam na linguagem dos símbolos e não na da realidade cotidiana. O conto de fadas nos transmite desde o início, ao longo da trama e no final que nos é narrado não só fatos tangíveis ou pessoas e lugares reais. Quanto à própria criança, os acontecimentos reais se tornam importantes pelo significado simbólico que ela lhes atribui, ou que neles encontra. (BETTELHEIM, 2007. p.90)

Fazendo alusão à citação de Bettelheim, com o objetivo de compreender melhor os simbolismos profundos nos contos de fadas, tomaremos como exemplo a história de *João e Maria*, que nos conta como dois irmãos acabaram se perdendo dentro de uma floresta, após serem abandonados pelo pai e pela madrasta.

Inicialmente, os irmãos deixaram pelo caminho da floresta pequenas pedrinhas que marcaram o seu caminho de volta. Ao retornar, são novamente abandonados, uma vez que não haveria comida para todos e a madrasta das crianças considerou o abandono a melhor solução. Como antes, João pensou em utilizar a mesma estratégia das pedrinhas, porém, a madrasta notou a astúcia de João e fez com que o menino não conseguisse alcançar seu objetivo, trancando as portas e impossibilitando a saída prévia do menino para buscar tal recurso. Dessa forma, a alternativa que ele encontrou foi usar pedaços de pão para marcar o caminho de volta. Entretanto, tais migalhas de pão, que auxiliariam o seu caminho de volta, foram comidas por um pássaro, o que faz com que eles acabem ficando perdidos e com fome em uma floresta isolada.

No decorrer da história, as crianças acabam encontrando uma casa em um ponto desconhecido da floresta. Sendo a casa toda feita de doces, os irmãos não a veem como um lar ou um refúgio, e sim um meio de alimento, conforme vemos na narração dos Irmãos Grimm:

“Continuaram comendo, sem a menor cerimônia. João, que gostou do sabor do telhado, arrancou um grande pedaço dele, e Maria derrubou uma vidraça inteira e sentou-se no chão para saboreá-la.” (GRIMM, Coleção Zahar, 2010. p.74)

No enredo de João e Maria, é nítida a reflexão acerca do estatuto das crianças nos contos de fada, vistas ora como fardos a serem descartados, ora como vítimas da crueldade adulta, ora ainda como exemplos de superação. Em muitos casos, elas são abandonadas com o intuito de morrerem sozinhas. No entanto, tal fato se desenvolve ambigualmente, pois, em algumas versões do conto, o pai das crianças as aguarda ou mostra arrependimento por tal ato.

Um exemplo similar é visto na história de Moisés, pois ele é lançado ao rio -, o que poderia gerar sua morte, uma vez que era um bebê.

Foi justamente naqueles dias perigosos que Moisés nasceu (At 7.19-20). Seus pais, Anrão e Joquebede esconderam-no por três meses. Depois, não tendo mais como fazê-lo, colocaram-no dentro de um cesto de junco betumado, e o largaram no carriçal, à margem do rio Nilo (Êx 2.1-3).

No entanto, além da água marcar a probabilidade de morte da criança, também traz o propósito de salvar a sua vida - uma vez que estava condenado a morrer caso continuasse em terra. Dessa forma, o rio na história de Moisés seria como a floresta em João e Maria, que remetem a vivências mortíferas para a criança, mas que trazem um potencial de renovação à sua vida.

Marie-Louise von Franz explicita tal questão em seu livro *A individuação dos contos de fadas* (1984):

É interessante notar como, psicologicamente, atuam de maneira estranha aqueles que pretendem desvencilhar-se de tais crianças - diríamos mesmo que agem de maneira neurótica, ou seja, ambígua: ao mesmo tempo que buscam destruir, tentam fazer algo para salvar as crianças. A mão esquerda desconhece o que faz a mão direita e acaba por agir ainda melhor que a mão direita. É como se essas pessoas não conseguissem decidir se vão ou não destruir a criança em questão. (VON FRANZ, 1984. p.31)

Outro detalhe importante em tais contos, e que é evidenciado por Von Franz (1984), é que, em contos como *João e Maria*, é sempre a menina que possui a artimanha de enganar a bruxa, sendo o menino enganado e colocando-se em uma situação de perigo. Tal dinâmica destoa do começo da história, uma vez que é o menino que começa



cuidando de sua irmã e tem a perspicácia de juntar pedrinhas, para que consigam voltar para casa. Porém, ao final da história, tal configuração se subverte.

“Frequentemente ocorre a existência de um garotinho e sua irmã como duplícies heróis de uma história, como, por exemplo, João e Maria, onde, a princípio, cabe a João o desempenho de certa função positiva. Quando os pais levam-nos para a floresta é ele quem junta as pedrinhas e vai jogando-as pelo percurso, de modo a reencontrar o caminho de casa. Mais tarde, no entanto, João é que foi tolo deixando-se agarrar pela bruxa que o teria comido, se não fosse Maria ter a feliz ideia de empurrá-la para dentro do forno, salvando tanto ela mesma como o irmão. Aqui também há uma ênfase na menina, e se evidencia a mente maléfica de Maria que se assemelha à da bruxa.”(VON FRANZ, 1984. p.51)

A história de tais crianças e o seu desfecho pode ser interpretado como um meio de renovação e sobrevivência - resistindo ao abandono e à fome. Neste caso, tem-se a clara reflexão: se os irmãos continuassem junto à família, talvez esta pudesse sobreviver com o pouco de comida que restasse. Porém, a falta de alimentos cria um cenário assustador: as crianças morreriam de fome de qualquer jeito ou, ainda, os próprios pais morreriam de fome, deixando seus filhos desassistidos. Com essa ideia em mente, vê-se que para o processo de renovação e sobrevivência na história de João e Maria acontecer, além do amadurecimento e discernimento das crianças, tudo giraria em torno do abandono e da ausência de cautela paterna e materna.

Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, também levantou estudos acerca do processo de amadurecimento da criança, que também pode ser relacionado à história de João e Maria - com surgimento de desafios que estariam trabalhando o crescimento individual dos irmãos. Para o psicanalista, a criança vê os pais como seus encarregados a todo momento: responsáveis por nutri-la, entretê-la, cuidando de fatos diversos. Quando não há o atendimento de uma dessas responsabilidades, a criança se sente largada e não amada, além de, também, não entender que tal atitude faz parte do seu crescimento e independência.

A necessidade de um corte nessa dinâmica de nutrição e cuidado, com o intuito de fazer com que a criança crie a sua própria independência, pode gerar dúvidas se os seus responsáveis realmente zelam por ela ou a amam, pois tal processo de evolução não fica claro para a criança - que é profundamente amparada e dependente do cuidado dos pais.

Com essa relação de ideias, faz-se alusão ao rito de passagem presente no conto, uma vez que a saída da casa dos pais, algo que as crianças não almejavam, gera um crescimento interior obrigatório diante de uma situação fora de controle. Na história de João e Maria, vemos que, por conta do abandono em meio à floresta, as crianças são obrigadas a encontrarem uma forma de continuarem vivas - o que traz a questão do desenvolvimento interno e pessoal. A floresta, dentro do conto, seria o desafio cuja resolução culminaria no desenvolvimento. Nesse caso, trata-se do desconhecido, do nunca explorado, que exigirá muito discernimento do indivíduo em busca de sua sobrevivência.

Assim, com base no que foi discutido, no próximo capítulo daremos continuidade à discussão baseada na história de João e Maria, mas tendo como objetivo analisar o canibalismo cometido dentro da história. Deste modo, será levado em consideração as causas para tal ato frente ao meio histórico, tendo-se a bruxa como ponto principal da discussão em questão.

### **3.1 O CANIBALISMO**

Dentro da obra que narra a história de *João e Maria*, nota-se que a bruxa má quer comer João e deixar Maria para o final da refeição. No entanto, tal detalhe também faz com que o leitor reflita acerca do problema da fome, o que viria a gerar o ato antropofágico, prática que acompanha a sociedade desde os primórdios, e que carrega toda a sorte de simbolismos no âmbito antropológico e religioso.

Para Von Franz (1984), pode-se ter uma visão diferenciada do canibalismo da bruxa. Muitas vezes pessoas projetam seus fracassos e anseios em outrem, não tanto porque realmente lhes falta algo, mas por ânsia de desejar sempre mais. Na questão da bruxa canibal, vê-se uma mulher em fartura, que não viria a precisar comer duas crianças, pois há outros alimentos ao seu redor. No entanto, a ideia de possuir mais - assim como

comer crianças indefesas que foram jogadas para morrer - trará a sensação de exaltação e triunfo.

Em geral as pessoas projetam o fluxo de vida sobre objetos exteriores, imaginando que se tivessem uma esposa diferente, ou mais dinheiro ou coisa semelhante, atingiriam a meta; mas isso é pura projeção que se torna ainda mais evidente no caso de alguém que de fato já tenha tudo isso, porque então se apercebe de que a questão não é essa! O que as pessoas realmente buscam, mesmo em objetos exteriores, é a sensação de estarem vivas. (VON FRANZ, 1984. p.63)

Neste caso, quando se faz alusão ao caso da bruxa, compreende-se que é apenas uma ausência interna que é preenchida, sem sucesso, com o canibalismo. Relembrando a história de João e Maria, a casa da velha senhora é descrita como farta - o que não se encaixa com a compulsão canibal de comer crianças. Com essa ideia, Von Franz (1984) retoma o problema da voracidade exposto em ensaio de Jung (vol. 16 de *Obras Completas*), que traz a ideia do devorar por apenas possuir, que vai além da necessidade.

[...] ele diz que é comum as pessoas manifestarem terrível voracidade, a ponto de quererem devorar tudo e todos, até mesmo o próprio analista, por exemplo. Isso nem sequer está a nível de transferência sexual e sim a um nível bem mais primitivo, pois trata-se de “ter” o outro, ter tudo. (VON FRANZ, 1984. p. 259)

### **3.2 A REPRESENTAÇÃO DA MADRASTA MÁ NO CONTO DE FADA**

Assim, a divisão, característica dos contos de fadas, da mãe entre uma mãe boa (normalmente morta) e uma madrasta má é bastante apropriada para a criança. Não só é um meio de preservar uma mãe interior toda bondade quando a mãe verdadeira não o é, como também permite que se sinta raiva dessa “madrasta” má sem comprometer a boa vontade da mãe verdadeira, que é vista como uma pessoa diferente. Assim, o conto de fadas sugere como a criança pode lidar com os sentimentos contraditórios que, de outro modo, a esmagaram nesse estágio em que a habilidade para integrar emoções contraditórias está apenas começando. A fantasia da madrasta má não só conserva intacta a mãe boa, como também impede os

sentimentos de culpa em relação aos pensamentos e desejos coléricos a seu respeito [...] (BETTELHEIM, 2007. p. 100)

Com base na citação de Bettelheim (2007), podemos notar que os processos de quebra de expectativa na dinâmica de cuidado entre pais e filhos mostram como é comum nos contos a temática da substituição da mãe pela madrasta. Muitos pais com filhos viriam a se casar novamente com viúvas que já teriam um núcleo familiar, ou apenas mulheres que estariam a esperar para formar a sua família. No entanto, essas uniões não gerariam estabilidade dentro do lar, pois a pobreza e a fome seriam fatos marcantes na vida de muitos familiares, que viriam a optar por seus filhos biológicos e não os filhos de seus parceiros. Deste modo, ocorria o abandono, como visto em *João e Maria*, ou o filicídio, assim como visto em *Branca de Neve*.<sup>1</sup>

Além disso, ressalta-se que o abandono de crianças em florestas era algo comum na época retratada por *João e Maria*, uma vez que, com a falta de sustento para todos, muitas famílias viriam a escolher com quais filhos ficariam, e quais viriam a ser abandonados, assim facilitando o compartilhamento de alimentos e evitando a miséria. Tal fato pode ser aludido à fala da madrasta exposta no livro dos Irmãos Grimm (2020):

Não há mais comida novamente, temos apenas meio pão e isso é tudo. As crianças precisam ir embora, nós as levaremos para mais longe ainda na floresta, para que não encontrem o caminho novamente, pois não há outra forma de nos salvarmos! ( Grimm, 2020. p. 88)

Tal citação de *João e Maria* relembra outros contos, como *Cinderela*, por exemplo, no qual a personagem que dá nome ao conto não é bem tratada e nem amada por sua madrasta e suas irmãs, que a tratam com indiferença e desleixo em todo o conto.

Por outro lado, a mãe também pode ser vista como uma madrasta má (ou bruxa) na perspectiva da criança, quando os desejos infantis não são atendidos como esperado. Para a criança, a mãe é o seu suporte. No entanto, quando ela vai contra os seus

---

<sup>1</sup> Em *Branca de Neve* vê-se a história da madrasta que é capaz de matar a enteada com o propósito de ser a mulher mais bela do reino. Com essa história, tem-se a ideia do filicídio. Mesmo que no caso de *Branca de Neve* a rainha fosse sua madrasta, ela estava a excluir a existência de uma criança apenas por total vaidade - uma criança que estaria ali como sua filha.

caprichos infantis, o filho pode achar que ela não é a sua mãe de verdade, no caso, sendo uma impostora - imagem essa gerada por sua raiva e incompreensão. Bettelheim (2010) faz alusão a esta ideia em seu livro, uma vez que muitas crianças projetam tal papel de madrasta à mãe quando não são atendidas.

Muitas meninas estão convictas, em certos momentos, de que sua mãe (madrasta) má é a fonte de todos os seus problemas, que é improvável que imaginem por conta própria que isso tudo possa mudar subitamente. Mas, quando a ideia lhes é apresentada por intermédio de “Cinderela”, podem acreditar que, a qualquer momento, uma mãe (fada) boa virá em seu socorro, uma vez que o conto de fadas lhes diz de modo convincente que será assim. (BETTELHEIM, 2007. p.82)

Ou ainda, segundo Bettelheim:

Do mesmo modo, embora a mãe seja a maioria das vezes a protetora dadivosa, ela pode se transformar na cruel madrasta se for má a ponto de negar ao menino algo que ele deseja. Longe de ser um expediente usado apenas nos contos de fadas, essa divisão de uma pessoa em duas para mandar a boa imagem incontaminada ocorre a muitas crianças como uma solução para um relacionamento muito difícil de administrar ou compreender. (BETTELHEIM, 2007. p.98)

Ao analisar tais contos de maneira ampla, nota-se que a questão social evolui com o tempo, visto que diferentes tempos e perspectivas culturais apresentam novos desafios e temáticas. Seguindo esta ideia, tem-se como ponto a ser analisado não só o meio social que o conto viria a retratar, mas também como diferentes escritas e enfoques dramáticos podem acrescentar nuances ao enredo. Deste modo, cada versão do conto irá retratar algo que viria a ser recorrente no contexto cultural em questão, como, por exemplo, a fome, pobreza, assassinatos, sumiço de crianças, além de outros detalhes que marcam cada tipo de narrativa.

Levando em questão que o cenário em que a madrasta estaria inserida seria de extrema pobreza e desigualdade, nota-se que, através das narrativas, tem-se uma explicação biológica e histórica que, porém, não é a única fonte para a compreensão adequada do que estaria por trás da atitude e do uso de tal metáfora. O cenário de extrema pobreza e desigualdade fornece as explicações sócio-históricas para a origem da figura da madrasta. Porém, tal metáfora pode ser retrabalhada com outras camadas de sentido, agregando novos significados e subvertendo expectativas.

Como exemplo de novas leituras e contextos para a figura da madrasta, tem-se a história de Malévola, que viria a ser mãe, madrasta, fada e bruxa para uma só criança que, no começo, seria parte da sua frustração. No entanto, passa de madrasta má para mãe que ama a filha, construindo uma relação sólida com a criança, algo que, por exemplo, não é visto em Cinderela, cuja história também foi recontada pelos estúdios Disney. Cinderela não teria o amor de sua madrasta, pelo contrário, vai sofrer maus tratos até o momento em que viria a viver com seu príncipe encantado.

**Figura 2** - Cena de Malévola 1



**Fonte:** <https://www.eonline.com/br/news/520211/angelina-jolie-e-filha-vivienne-posam-juntas-no-set-de-malevola>

Pela visão de Von Franz (1984), a bruxa - que também pode ser associada à madrasta devido à sua maldade, como visto em Cinderela, não é difícil de ser interpretada. Na grande maioria dos contos, a madrasta ou a bruxa são seres encantadores, mas que possuem uma profunda obscuridade dentro de si. Por mais que a madrasta não possua poderes mágicos, o seu papel em inferiorizar ou desdenhar do herói é notório, o que gera um obstáculo diante da jornada do herói - precisando ser combatido.

A bruxa também desempenha apenas o lado destrutivo do princípio arquetípico feminino, o princípio da morte, da doença, da desintegração, ou ainda, daquilo que se poderia chamar de malefício da inconsciência e que até certo ponto, resiste à consciência: intriga, cobiça, arrebatamentos, enfim, todos aqueles impulsos que são descobertos quando se examina o que fazem as bruxas nos diversos contos. Elas em geral intrigam, envenenam, matam ou comem gente, caluniam as pessoas para que umas briguem com as outras. Tais principais atividades, tanto das feiticeiras mitológicas como também humanas. (VON FRANZ, 1984. p

## **4 ADAPTAÇÕES INSPIRADAS NA OBRA ORIGINAL DE JOÃO E MARIA**

### **4.1 ADAPTAÇÃO NO CINEMA: MARIA E JOÃO**

Ao longo da história, muitos contos de fadas tiveram suas adaptações cinematográficas. Algumas delas possuem uma classificação indicativa para maiores de 18 anos, mesmo sendo inspiradas em contos infantis, tendo-se como exemplo *Maria e João: O conto das Bruxas*, inspirado na obra dos Irmãos Grimm (1812), dirigido por *Osgood Perkins* (2020).

Essa história, como o próprio título indica, tem um foco maior em Maria, que possui a responsabilidade de cuidar do irmão. Com isso, diferente da história original dos Irmãos Grimm, o lado feminino, protetor e provedor de Maria é o foco principal da narrativa, sendo não só a irmã que zela pelo irmão, mas também tendo um papel notoriamente maternal.

Figura 3 - Capa do Filme Maria e João



Fonte:

<https://tudocapas04.blogspot.com/2020/04/maria-e-joao-o-conto-das-bruxas-capa.html>

A releitura de Perkins, diferentemente de outras que apenas focam o conto em questão, traz referências diversas ao universo dos contos de fadas. Desse modo, o filme traz não só a história de João e Maria de uma maneira reinterpretada, mas também uma homenagem aos contos de fadas por meio da intertextualidade.

Para exemplificar tal fato, há uma cena em que Maria, brincando com o irmão, faz o ronco de um porco, como se fosse uma forma de comunicação de ambos - o que remete à história dos *Três Porquinhos*. Além disso, em meio à trama, as crianças são salvas por um homem - que seria um caçador -, fazendo referência não só a *Branca de Neve*, mas também a *Chapeuzinho Vermelho*, uma vez que o caçador viria a alertar as crianças sobre um suposto lobo na floresta. Por fim, nota-se a menção a *Alice no País das Maravilhas* em um momento em que a menina, Maria, diz a seu irmão João que os cogumelos que encontraram estavam a dizer “eat me” - no português “coma-me” -, o que retoma a história de Alice, que vê “eat me” em um bolo.



**Figura 4** - Maria e João fazendo som de porcos

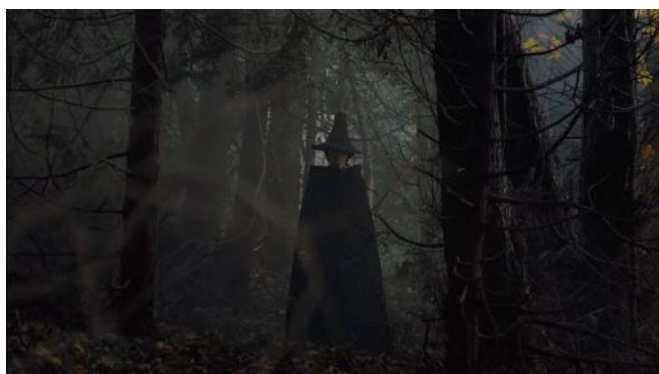


**Fonte:** <https://oquartonerd.com.br/critica-maria-e-joao-o-conto-das-bruxas-tenta-inovar-mas-cai-em-final-preguicoso/>

Além de tais instigantes detalhes intertextuais mencionados no filme, nota-se a presença de um mito muito antigo na história, com a menção da Bruxa Holda. Essa bruxa seria uma entidade muito cultuada pela cultura germânica, como uma deusa matrona das atividades do lar, protegendo as donas de casa. Além disso, a bruxa Holda também seria responsável por punir e recompensar mulheres, além de valorizá-las como seres importantes numa sociedade totalmente patriarcal e masculina.

No filme, por exemplo, há um momento em que Maria vê na floresta várias bruxas à sua volta - o que não seria uma visão - e sim mulheres que a Bruxa Holda teria enviado para recrutar Maria como uma delas. Tal fato ocorre com a personagem da vendedora de ovos, que some inexplicavelmente na trama.

**Figura 5 - Bruxas ao redor dos irmãos**



**Fonte:** <https://trilhadomedo.com/2019/09/maria-e-joao-o-conto-das-bruxas-sera-lancado-no-brasil/>

O filme de Perkins dialoga com uma versão mais antiga da história de Holda, narrada pelos irmãos Grimm. Na narrativa dos Grimm, a senhora Holda ajuda uma menina muito trabalhadora que chega à sua casa após ter sido expulsa por sua madrasta (que tinha uma filha preguiçosa), devido a um erro nos trabalhos domésticos.

Fique comigo, se você fizer direitinho os afazeres domésticos para mim, eu a farei muito feliz. Deve ter o cuidado, no entanto, de arrumar minha cama do jeito certo, pois quero que você sempre sacuda o acolchoado com vigor, para que as penas voem; e então eles dizem, lá embaixo, no mundo, que está nevando, pois sou a Senhora Holle. (GRIMM, JACOB, 2020. p.97)

Com o decorrer da história, a menina ajuda a Sra. Holda com os afazeres, algo muito valorizado pela velha bruxa. No entanto, a jovem garota acaba se entristecendo por sentir saudade de casa, mesmo que não tivesse o conforto que tinha com a Sra. Holda. No entanto, por seu trabalho duro, a velha bruxa a recompensou com ouro - que cobria

seu corpo por completo - o que chamou a atenção da madrasta, que logo enviou a filha preguiçosa até a casa da velha bruxa.

A menina preguiçosa, no primeiro dia, tentou fazer tudo o que a senhora dizia, pensando apenas na recompensa que viria a receber. Porém, a menina logo se descuidou dos trabalhos domésticos no terceiro dia, o que fez a Sra. Holda a mandar embora. No fim, para a surpresa da menina preguiçosa, o que ela ganhou não foi ouro ao ser dispensada, assim como ocorreu com sua meia-irmã. Ela foi coberta de piche - que ficou grudado em seu corpo pelo resto da vida.

A história de Holda narrada pelos Grimm esclarece não só a história da Bruxa narrada no filme de Perkins, mas também a própria história de Maria, conforme veremos no desenrolar da trama cinematográfica.

Ao deparar com a suposta Bruxa Holda do filme, vemos que ela é apenas uma bruxa que age em nome da bruxa matrona, que a fez ficar poderosa. Cooperando com a bruxa enviada por Holda, a menina Maria começa a desfrutar de todo o conforto possível. No entanto, como nada é dado de graça, Maria tem como preço matar João, seu irmão, para que ela continue a prosperar. A menina se recusa a fazer isso - queimando a bruxa e tomando seu lugar.

Maria toma o lugar da bruxa morta, e fica com sua mão coberta de piche por esse feito, o que nos remete à história dos Grimm. Além disso, esse desfecho nos traz a ideia de que, independente do que se almeja, há padrões dos quais não podemos fugir. Nesse caso, o padrão em questão seria a submissão da mulher ao homem, conforme podemos ver no compromisso de Maria em servir ao irmão, abrindo mão do poder.

**Figura 6** - Maria com piche nas mãos



**Fonte:** <https://ocraniodocorvo.wordpress.com/2020/08/28/opiniaio-de-bruxa-maria-e-joao-u-m-conto-das-bruxas/>

Por outro lado, o filme também traz em sua abordagem símbolos importantes para o entendimento da história. O triângulo - tríade - tem grande notoriedade em cenas do filme, aparecendo no formato da casa da bruxa, e figurando também na própria trajetória de Maria: donzela (irmã de João), mãe (protetora de João) e mulher (a nova Bruxa). Além disso, vê-se também, em uma cena, a menção do “olho que tudo vê” - que seria uma referência quando Maria olha em um buraco com formato de triângulo, remetendo ao “Olho da Providência” - que tem como significado conhecimento espiritual e onisciência.

**Figura 7-** A cabana da Bruxa



**Fonte:** <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/02/maria-joao-e-o-conto-de-fadas-que-virou-conto-de-horror.html>

Ao final, mostra-se que Maria, carregando o fardo de uma feminilidade livre ao ser uma nova bruxa, deve viver sozinha. No entanto, João crescerá como o homem do “machado” - trazendo o lado masculino e bruto em ascensão . Deste modo, indica-se que talvez virá a se tornar um futuro caçador - assim vingando tudo o que ocorreu com sua irmã e consigo, ou apenas visando dizimar o grupo de mulheres comandadas pela Bruxa Holda.

**Figura 8** - João afiando o seu machado



Fonte: <https://cfnoticias.com.br/critica-maria-e-joao-o-conto-das-bruxas/>

#### 4.1.1 JOÃO E MARIA POR JOSEPH JACOBS

Assim como há adaptações cinematográficas de vários contos de fadas, podemos também encontrar autores que fazem releituras literárias da história de João e Maria. Joseph Jacobs, historiador e famoso folclorista australiano, traz em sua coleção de livros *Contos de Fadas* (2021) várias histórias com uma nova interpretação. O autor, desta forma, não só trabalha com contos já conhecidos, assim como A Bela e a Fera, mas também contos que abordam outras culturas. Através de 5 livros, o autor traz contos da cultura europeia, inglesa, celta e indiana.

Nessa nova abordagem da história das duas crianças, vê-se algumas alterações interessantes e que dão um novo ar ao conto. Na versão mais primitiva, escrita pelos Irmãos Grimm, tem-se a madrasta com a solução de abandonar as crianças na floresta por conta da fome que assolava a todos. No entanto, nesta nova versão, o pai torna-se o precursor de tal ideia, induzindo a esposa, que permanece hesitante.

-Betty, minha querida, não sei mais o que fazer. Não temos quase nada aqui em casa para comer e vamos morrer de fome em poucos dias. Estou pensando em levar o menino e a menina para a floresta e deixar os pobrezinhos lá. Se alguém os encontrar, com certeza vai manter os dois vivos e, se ninguém os encontrar, talvez morram, mas eles morreriam aqui também. Não consigo pensar em outra solução. É a vida deles ou a nossa. E se morrermos, o que será deles? (JACOBS, 2021. p. 117)

Outro detalhe interessante, que também foge da versão original, é o fato de que o pai prefere que as crianças morram na floresta a assistir seu fim sem nada poder fazer. Mostra-se o pai assumindo aspectos simbólicos originalmente atribuídos à madrasta.

-Betty, minha querida, não sei como voltaram para casa, mas isso não importa. Não suporto ver as crianças morrendo de fome sem poder fazer nada. É melhor que morram de fome na floresta. (JACOBS, 2021. p. 118)

Além de tais detalhes curiosos, há uma modificação, também, sobre como as crianças não conseguiram voltar para casa. Na versão dos Irmãos Grimm, a madrasta nota que João está pegando pedrinhas fora de casa, o que a faz trancar a porta que dá acesso a tais recursos. Porém, nesta versão, Maria é que comenta com os pais, após retornar pela segunda vez para casa, que João “inventou uma nova brincadeira” (JACOBS, 2021, p.119). Assim, denunciando a forma com que João sempre estaria a voltar para casa com a irmã, sabotando os planos do pai.

[...] Toda vez que viramos em uma estrada diferente, ele deixava cair uma pedrinha. Isso não é estranho? Na volta, ele procurava as pedrinhas e lá estavam elas, no mesmo lugar. Assim, o fazendeiro entendeu como João tinha conseguido voltar da floresta e, ao anoitecer, trancou todas as portas para que o menino não pudesse sair e pegar mais pedrinhas. (JACOBS, 2021. p.119)

A menção da bruxa também toma um novo direcionamento. As crianças, após caminharem, encontram uma casa com “porta de caramelo, janelas de guloseimas, tijolos de barra de chocolate, colunas de pirulitos e telhado de biscoito” (JACOBS, 2021, p. 119). No entanto, ao invés de pura revolta, as crianças deparam com uma senhora que poderia de início até ser generosa: “- Seus pestinhas, estão destruindo minha casa assim. Por que não bateram à porta e pediram antes de pegar? Eu ficaria feliz em dar alguma coisa para vocês comerem - disse a velha.” (JACOBS, 2021, p. 119).

Com o passar da narrativa, as crianças entram na casa da velha, que então mostra que era uma senhora nada doce. Elas são trancafiadas com o intuito de uma velha bruxa má de comer criancinhas bem gordinhas.

Já chegando ao final da obra, Maria tem o ato esperto de enganar a bruxa e empurrá-la dentro do forno. Entretanto, trazendo uma nova elaboração da versão mais antiga do conto, Jacobs faz com que a bruxa consiga sobreviver e ir atrás das crianças ainda tentando pegá-las.

A velha bruxa enfiou a cabeça no forno, e Maria a empurrou para dentro, fechou a porta do forno e correu para libertar João do quartinho. João e Maria correram em direção ao sol poente, pois sabiam que sua casa ficava por ali, mas se depararam com um riacho bem largo e profundo demais para se atravessar caminhando. Naquele exato momento, olharam para trás... e o que você acha que viram? A velha bruxa, que, de um jeito ou de outro, havia escapado do forno e estava correndo atrás deles. O que as pobres crianças deviam fazer? O quê? (JACOBS, 2021. p.121)

Como na obra original, há o surgimento de um “belo e enorme pato nadando em direção deles” (JACOBS, p. 121), o que os faz atravessar o rio de maneira segura e ir para longe da bruxa. Ainda viva, a velha má tenta recorrer ao mesmo pato, porém sem sucesso, o que faz com que a ardilosa bruxa tente beber o riacho com o propósito de secá-lo. No entanto, acaba explodindo de beber tanta água.

Então, a bruxa se deitou na margem e começou a engolir a água, tentando secar o riacho para que pudesse atravessá-lo. Ela bebeu e bebeu e bebeu e bebeu tanta água que explodiu! (JACOBS, 2021. p. 122)

Ao final, algo ainda mais interessante acontece: João e Maria, ao retornarem, não encontram a mãe morta, como na versão original. Na verdade, não há menção à mãe, mas somente ao pai, que havia conseguido muito dinheiro e estava a procurar as crianças. O desfecho da bruxa e a remissão do pai são alterações no enredo tradicional que trazem outras nuances à história original. A ganância e a arrogância da bruxa ficam sublinhadas com a estapafúrdia ideia de beber toda a água do riacho. O pai se torna o



único responsável pela desventura dos filhos, eliminando-se a figura da madrasta má, na direção do final feliz.

João e Maria correram de volta para casa e, ao chegarem lá, descobriram que o pai, um simples fazendeiro, tinha ganhado muito dinheiro e vinha procurando incessantemente pelos filhos na floresta, e ficou muito feliz em ver João e Maria de novo. (JACOBS, 2021. p. 122)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalizaremos a reflexão a partir das ideias de um dos maiores conhecedores da Psicanálise Infantil - Bruno Bettelheim. Com base no autor e outros citados, como Von Franz (1984) e Nelly Coelho (1982), temos o reconhecimento da importância da literatura infantil durante o amadurecimento da criança.

Além disso, com base em todas as pesquisas, vemos que a leitura dos contos de fadas durante a infância configura um incentivo à imaginação, ao desenvolvimento intelectual frente ao mundo e ao amadurecimento através dos conflitos entre pais e filhos.

Com isso em mente, percebemos que as histórias infantis, mesmo contendo ações e fatos imprevistos ou peculiares, fazem com que a criança tenha uma percepção renovada e aprofundada do mundo em que vive. Deste modo, ela pode obter maior clareza sobre sentimentos internos não compreendidos pelos pais que, muitas das vezes, enxergam tudo como um simples ato de desobediência, de pura rebeldia ou de desrespeito.

Deste modo, os contos de fadas não só retratam finais felizes ou trazem a ilusão do perfeito, como muitos alegam. Através de tais contos há o incentivo da imaginação, o entendimento da dor do mundo e a criação do hábito da leitura. São portas que se abrem à criança durante o seu amadurecimento, que instigam e recontam histórias. Histórias

com as quais inúmeras gerações anteriores se identificaram, e com as quais aprenderam lições de vida.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERSEN, Hans Christian. Contos de Hans Christian Andersen. São Paulo: Paulinas, 2011.

ARIÈS, Philippe — História Social da criança e da família. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 1989.

CASHDAN, Sheldon. Os 7 pecados capitais nos contos de fadas. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infantil-juvenil. São Paulo: Editora Ática S.A, 1991.

DA CUNHA, Maria Zilda. MENNA, Lígia. Narrativas e enigmas da arte: fios da memória, frestas e arredores da ficção – São Paulo: FFLCH/USP, 2021.

GRIMM, Irmãos. Contos de fadas dos Irmãos Grimm; traduzido por Thalita Uba. - Jandira, SP : Principis, 2020. 304 p. – (Literatura Clássica Mundial) Tradução de: The brothers Grimm fairy tales

HUECK, Karin. O lado sombrio dos contos de fada. São Paulo: Abril, 2016.

JACOBS, Joseph. Contos de fadas europeus. Jandira, S: Principis, 2021.

MUNARI, Alberto. Jean Piaget. Tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

PROPP, Vladimir I. As raízes históricas do conto maravilhoso. São Paulo: Martins Fontes, 2002. - (Coleção biblioteca universal)

PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

VON FRANZ, Marie Louise, 1915 - Individuação nos contos de fadas / Marie-Louise von Franz; [Tradução Eunice Katunda; revisão técnica Maria Elci Spaccaquerche Barbosa]. - São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

WINNICOTT, D. W. (1983). O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1965b

